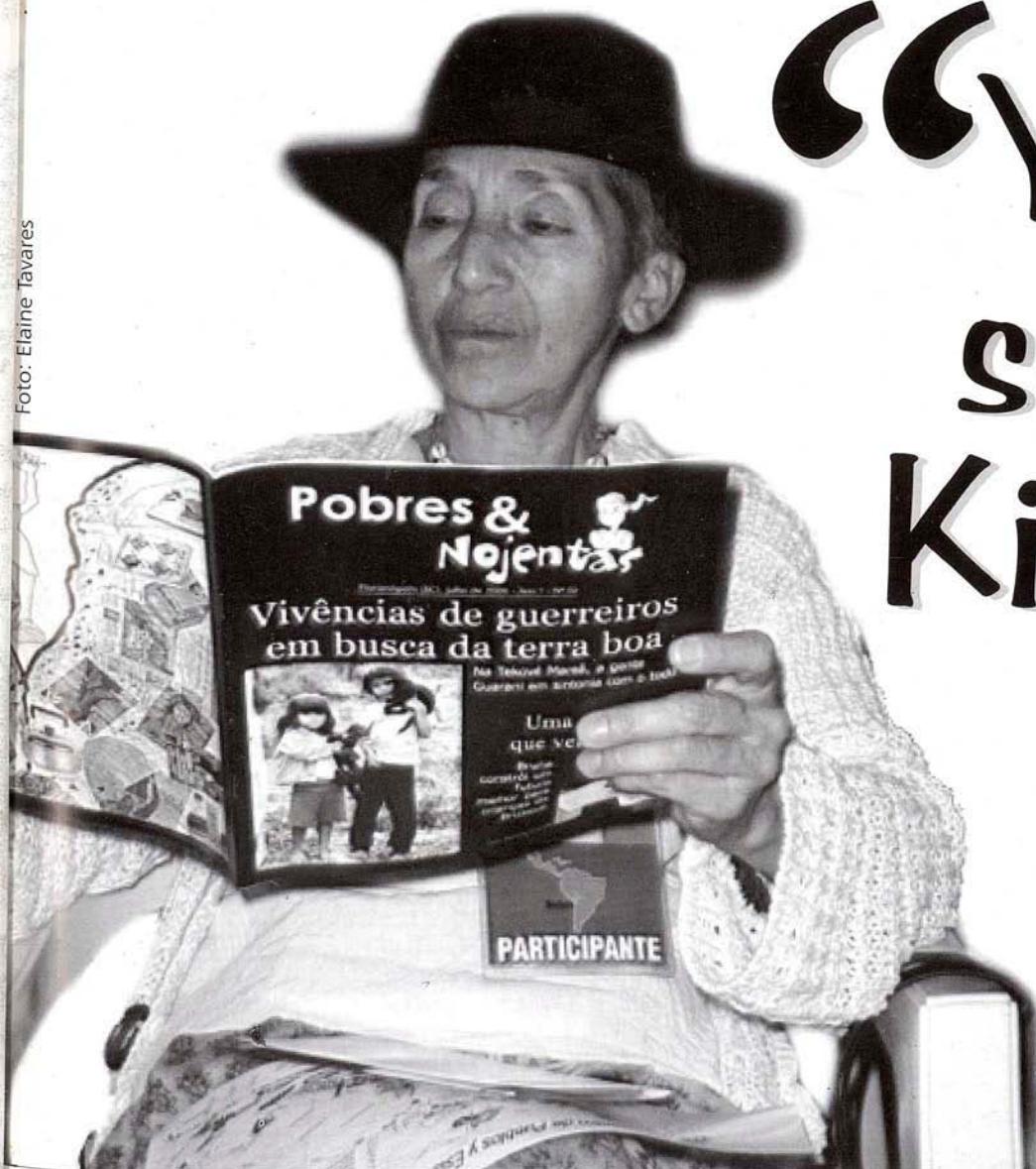


Florianópolis (SC)
julho/agosto de 2008
Ano 3
Nº 14
R\$ 4,00

Pobres & Nojentas

“Yo
soy
Kihili”

Foto: Elaine Tavares



Mulher, benditos
os teus caminhos
ancestrais

Na página 4



04 Mulher de Abya Yala,
poderosa e rebelde

- 08** Na democracia não há alternância de poder ou porque sou sempre do contra?
- 10** Educação em pedra viva
- 14** Desenhador no outono
- 18** Simples: a beleza do que é
- 21** Cultura florescida nas quebradas
- 24** Soberania comunicacional, conceito e prática em discussão
- 25** O arqueiro quântico

Seções

- 03** Editorial
Pela soberania comunicacional
- 07** Crônica
Espinhel de pandorga
- 12** As delícias de Su & Li
- 13** Crônica
Auto-retrato
- 20** + um número
- 26** Tempo Livre
- 27** Poesia
Despedida

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano
(bimestral): R\$ 23,00
(inclui as despesas
com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Ana Cristina Nobre da Silva
- Celso Vicenzi
- Eduardo Schmitz
- Elaine Tavares
- Fernando Karl
- Janice Miranda
- Míriam Santini de Abreu
- Newton Tavares
- Raquel Moysés
- Rosângela Bion de Assis
- Raul Fitipaldi
- Sandra Werle

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração
e Tratamento de imagens

Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)
Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Apoio Cultural

- Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)

www.sindprevs-sc.org.br

Florianópolis/Santa Catarina

Pela soberania comunicacional

E então aí está mais um número da *Pobres e Nojentas*. Revista insistente, renitente. Porque o que move esta equipe nojenta é justamente o desejo mais profundo da soberania comunicacional, que é coisa que vai mais além da democratização da comunicação, que pressupõe unicamente o controle dos meios. A soberania comunicacional diz respeito ao direito que todos têm a uma informação oportuna, suficiente e veraz. Também exige o estabelecimento de barreiras legais ao manejo unilateral da informação pelos donos dos meios e das tecnologias, porque, afinal, todos os avanços

na área da comunicação são conquistas socialmente produzidas, portanto bem de todos. E, finalmente, a soberania comunicacional postula o direito das gentes de administrar os meios e de produzir livremente a comunicação.

Estas são bandeiras de difícil aceitação porque esbarram em questões corporativas, em interesses poderosos e exigem mudanças radicais no modo de organizar a vida. São demandas de uma sociedade nova, no caminho do socialismo, que tem como foco a vida das vítimas do sistema opressor. É sendero difícil de trilhar e, talvez por isso, assumido de forma com-

pleta pelo povo que faz essa revista.

E é porque é um tema novo, polêmico e radical, que, juntamente com os companheiros do *Desacato*, portal de notícias livres que desacata esse vidinha amorfa da mídia cortesã, vamos promover um grande encontro envolvendo toda a gente que produz informação, notícias e análises da vida real para discutir soberania comunicacional. Nós, as nojentas, seguimos rompendo todas as barreiras e buscando vida boa e bonita para todos os que quiserem embarcar nessa grande viagem que é a das riquezas repartidas, da vida digna e da soberania dos povos.

CaRTa

Recebemos uma carta única, em papel reciclado, toda colorida. A cara do remetente, nosso amigo, o poeta Dino Gilioli. Diz assim:

Olá meninas e meninos. Eu aprendo muito e revigoro minhas convicções, críticas ao atual sistema, que não permite uma vida plena, lendo a revista Pobres e Nojentas. Essa revista, até mesmo no tratar de temas áridos, é propiciadora de encharcamento de

sonhos. É com muita satisfação e orgulho que me declaro um leitor assíduo de P & N e assim espero continuar por muitos anos. Parabéns, pelos - com certeza - difíceis, mas belos três anos de Pobres e Nojentas.

*larvas hibernam
borboletas
não tardam*

*beijos solidários
e libertários
Dino*

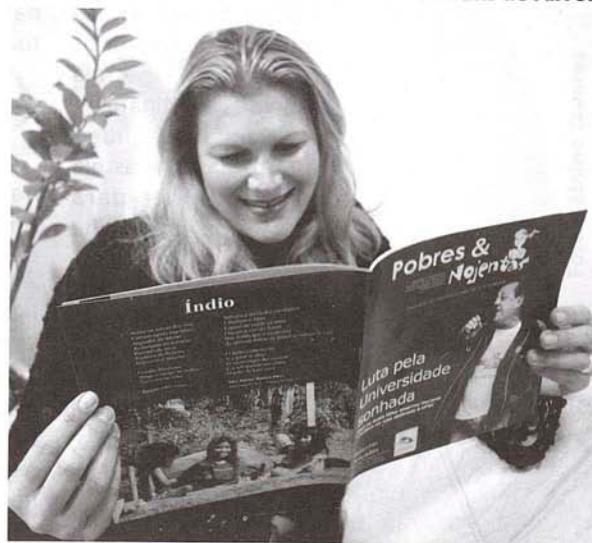
Blog da revista

<http://pobresenojentas.blogspot.com>

Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresenojentas.wordpress.com>

Foto: Miriam Santini de Abreu



**Evelynn Martinez da Silva,
trabalhadora em sindicato,
lê *Pobres & Nojentas***

Mulher de Abya Yala, poderosa e rebelde

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis

Ali estava ela, no palco, a dizer poesia. Magrinha, roupas coloridas e um chapéu estranho. Parecia mais uma maga, uma sacerdotisa de algum credo antigo. Depois, como se não bastassem os versos falados, cantou, canções camponesas, grito primal. Feiticeira, encantou cada um daqueles que se reuniam no ginásio de esportes da fria Sucre, capital administrativa da Bolívia. Ali estava para discutir os rumos desta Abya Yala rebelde e originária.

Seu nome judeu é Ruth Zafra, mas ela não é mulher para deixar que alguém lhe imponha algo. É fêmea livre. Então, crescida, decidiu seu novo nome, que vem das entranhas da terra ancestral. "Yo soy Kihili Kunturpillku", repete, orgulhosa de sua descendência autóctone, do povo chimarrón, "que nunca se deixou escravizar". A idade, não diz, mas garante que é do tempo em que a guerra era nos

sopapos. Vive pelos caminhos de "nuestra América", fazendo poemas, antecipando o tempo novo, que virá.

Kihili não é mulher para ser narrada. Ela se diz a si mesma e são delas as palavras que contam. Mulher-povo, cantadeira, contadora de histórias, filha dileta de Abya Yala. Uma criatura para ser guardada nas retinas. Magrinha como um bambu. Forte como a tormenta. Kihili.

“

... Eu creio que nasci no limite de tudo. Nasci na fronteira entre Colômbia e Venezuela e no limite entre o norte de Santander e Guajira. E sempre estive no limite das coisas boas e más. Minha família, já naquela época, coisa impensável, não era católica nem conservadora nem liberal. Meu pai era um livre pensador, um socialista, um marxista estruturado, um homem

vertical, quando a palavra vertical não era pejorativa. Ele tinha uma máxima filosófica que aplicava o tempo todo: o único objetivo de uma pessoa na vida deve consistir em ser irrepreensível.

Ele dizia, "aos meus filhos educo sem ódio e sem medo". Então, no dia em que cumpri três anos, ele pôs a mão na minha cabeça e disse à minha mãe: "de amanhã em diante vamos ensiná-la a ler e escrever". De tal maneira que aos quatro anos eu já escrevia e lia criticamente. Todos os dias fazia 20 linhas sobre o editorial do jornal *El Tiempo*. E nunca deixei de fazer essa tarefa. Por isso digo com muito prazer, e menos com orgulho, que eu não possuo nada nesta terra que não possa carregar nos meus ombros. Mas ainda assim sinto que sou a mulher mais rica do mundo. Sou opulenta porque a base da minha riqueza é que meus pais jamais me mentiram.

Eu venho de um lugar onde se diz a verdade às crianças desde o momento em que começam a perguntar. Se um garoto está aprendendo a caminhar e cai, todos olham para o outro lado. E se por acaso ele chora porque não olharam para ele, o que está mais perto pergunta: "Que aconteceu?" A criança chora, contando que caiu. Então este adulto responde: "Ah, sim? Então da próxima vez tenha mais cuidado e olhe bem onde vai colocar os pés para não cair outra vez". É assim que nos educam para a vida. As mães dizem: "Eu cortei o cordão umbilical dos meus filhos. na hora em que os pari". Nenhuma mãe põe seus filhos sob a saia, eles nasceram para a vida, então têm de ser formados para a vida. Têm que aprender, sofrer os golpes, porque a vida não é feita de hem-hem-hem. Por isso sinto pena da geração de hoje em dia.

Os pais fazem de tudo porque se sentem culpados e dedicam todo seu tempo a conseguir dinheiro para pagar o psicólogo do filho que tem problemas.

Criada com uma disciplina inverossímil

Mas eu prefiro falar do que há de bom. Eu cresci com uma disciplina incrível. E só para ilustrar. Houve há pouco tempo um concurso para escolher qual a palavra mais bonita da nossa língua e terminaram declarando como tal um conceito. A palavra mais bonita da nossa língua é "inverosimilitud". Ah, que palavra! Então eu me criei com uma disciplina inverossímil.

Mas a disciplina não era imposta. Meu pai jamais faltou à mesa, e ali se abençoava a comida sempre. Minha mãe era uma mulher muito religiosa, muito protestante, evangélica. Segundo ela, a mulher devia viver com a cabeça baixa, coberta, não falar em voz alta, em público. Bom, eu sou o seu karma.

Ela sofreu muito comigo porque queria que seu primogênito tivesse sido varão. E nasci eu. Por isso meu pai me criou assim. Até os cinco anos já havia escutado e lido os contos para crianças de todas as culturas da terra. Porque nós tínhamos apenas dois pares de sapato, o do aniversário e o do colégio. No natal ganhávamos um jogo

e era tudo. Lembro de uma situação em que, aos cinco anos, ganhei uma boneca e minha irmã menor começou a chorar porque a queria. A minha mãe interveio dizendo: ela é pequena, dê-lhe a boneca. Então eu fui até meu pai e disse: Não quero mais ganhar brinquedos a partir de agora, eu quero livros. Então, toda a poupança do ano era para a feira de livros de Bogotá, que apresentava quase 36 hectares de livros.

Assim, minha casa vivia abarrotada de livros. Eu me criei numa biblioteca de 18 mil exemplares. O maior quarto da casa era para a biblioteca e a casa estava cheia de livros por todos os lados. Tínhamos um dicionário ilustrado da Academia

... eu não possuo nada nesta terra que não possa carregar nos meus ombros. Mas ainda assim sinto que sou a mulher mais rica do mundo. Sou opulenta porque a base da minha riqueza é que meus pais jamais me mentiram.



Fotos: Elaine Tavares

Seu pai tinha uma máxima filosófica que aplicava o tempo todo: o único objetivo de uma pessoa na vida deve consistir em ser irrepreensível

Real da Língua feito com tinta chinesa, era gigantesco e pesava muitos quilos. Ele vivia aberto, mas para passar suas folhas tínhamos de lavar as mãos e secá-las com uma toalha branca que ficava ali perto só para esse ritual. Era uma disciplina incrível.

Na infância

Vou resumir a minha infância. Dos cinco aos seis anos li

todos os livros sagrados da terra, versão para crianças, que incluía "As mil e uma noites", "O anel dos Nibelungos" etc... Dos seis aos sete li toda a novelística. Nunca vou esquecer "A Mãe", de Máximo Gorki, "Guerra e Paz", toda a obra de Dostoievski, de Tolstoi. Li todos os grandes, porque meu pai era assim, ele dava o exemplo e eu tinha disciplina, lia e lia e lia. E minha mãe, num determinado momento, começou a dizer que aquilo não era uma virtude e sim um vício e passou a esconder os livros. Dos sete anos aos oito eu já lia Lênin e logo me enfrentei com Freud. Aos nove eu lia Nietzsche e meu pai pediu que eu esperasse um pouco, até os 16 anos, para ler Kant. Mas eu também lia muita literatura religiosa. E a poesia? Ah, esta, desde o ventre da minha mãe até o dia de hoje. Poesia? Toda a que se me apareça.

Aos sete anos, não sei o que aconteceu, mas eu chorei. E meu pai logo me disse: "Imagine que aconteça uma catástrofe, que não haja sobreviventes mais que um grupo de crianças de pouca idade e uns três ou quatro velhos, tu serias capaz de pegar essa gente e ir adiante, e fazer

dessa gente um povo de homens e mulheres livres?" Imagine você! Isso aos meus sete anos, de maneira que aos dez eu estava preparada para isso. E já havia lido tudo sobre o Yoga, e todos os grandes livros filosóficos e sagrados, toda a lenda e mitologia dos povos. Assim que aos 12 anos, o rio Arauca (a morte) chegou a meu pai e eu fiquei a primogênita de seis irmãos. Assim, aos 13 anos eu era a rádio-jornalista licenciada mais jovem do meu país. Até os dezoito anos levei três salários para casa, fiz o que fariam três homens e levei meus irmãos para frente. Todos eles são doutores, têm mais de um título, carros, casa, fazendas, tratores. A única que não têm nada e é a alfabetada da família, sem títulos, sou eu. É uma glória pra mim dizer isso: Não tenho nada. Jamais tive poupança, conta bancária, nada. O que tenho é a poesia, a música e o que sei dentro de mim...

”

Esta é Kihili. Aquela que, não tendo nada, tem o mundo e o amor de todos aqueles que cruzam seu caminho bendito!



Espinhel de pandorga

Domingo de sol no Campeche. Faz um friozinho, pois é outono. Mesmo assim muita gente caminha pela praia buscando absorver um pouco da energia que emana daquela natureza ainda pouco domada. De repente, no meio da areia, um pequeno grupo, com cinco ou seis homens, está ensimesmado na azáfama de fazer uma pandorga. São pescadores, e nem ligam para as pessoas que, curiosas, espiam, procurando saber o que acontece. Terminado o trabalho, um deles corre pela praia enquanto um outro segura firme na linha. A pandorga começa a voar. Mais alguns minutos e ela está lá, bem no alto do céu. Eles riem.

Então, na areia, começa outra função. Com algumas pequenas enxadadas os homens cavam em busca das minhocas do mar. E, na medida em que as vão encontrando, penduram-nas nos anzóis amarrados na linha que leva a pandorga para o céu. Em pouco tempo já estão preparados mais de 200 anzóis. E lá se vai a pandorga, tão alto, tão alto, que quase já não se vê. E é só aí que os homens sossegam. Está pronto o espinhel de pandorga, mergulhado, seguro, no mar. A única coisa que os homens precisam fazer

agora é esperar que os peixes mordam as iscas e eles possam levá-los para a panela que espera no fogão.

A pesca com pandorga é feita no Campeche desde há uns quarenta anos, lembra Hélio, pescador nativo da praia. "A gente descobriu esse jeito com uns pescadores lá em Laguna e desde então a gente também faz assim. Quando não vem tainha a gente vai pegando outros peixinhos pra fazer um pirão". A técnica faz com que eles constituam um longo espinhel que se vai mar adentro graças à força da pandorga. Quanto mais alta for a pipa, mais chance tem de se pegar bastante peixe.

Para os pescadores, que vigiam as ondas em busca de tainhas, aquela correria toda com a pandorga mistura trabalho e diversão. "A gente só quer pegar uns peixinhos pro almoço, afinal, gato com fome come até sabão", diz Hélio, em meio a risadas. Mas o certo é que antes que a manhã se acabe eles já terão pelo menos uns 20 bons peixes para encher a barriga de toda a família.

E assim corre o dia no Campeche, enquanto o mar brinca com a areia em meio aos pés das gentes. Lá no alto, a pandorga some, no rumo do Japão!

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis

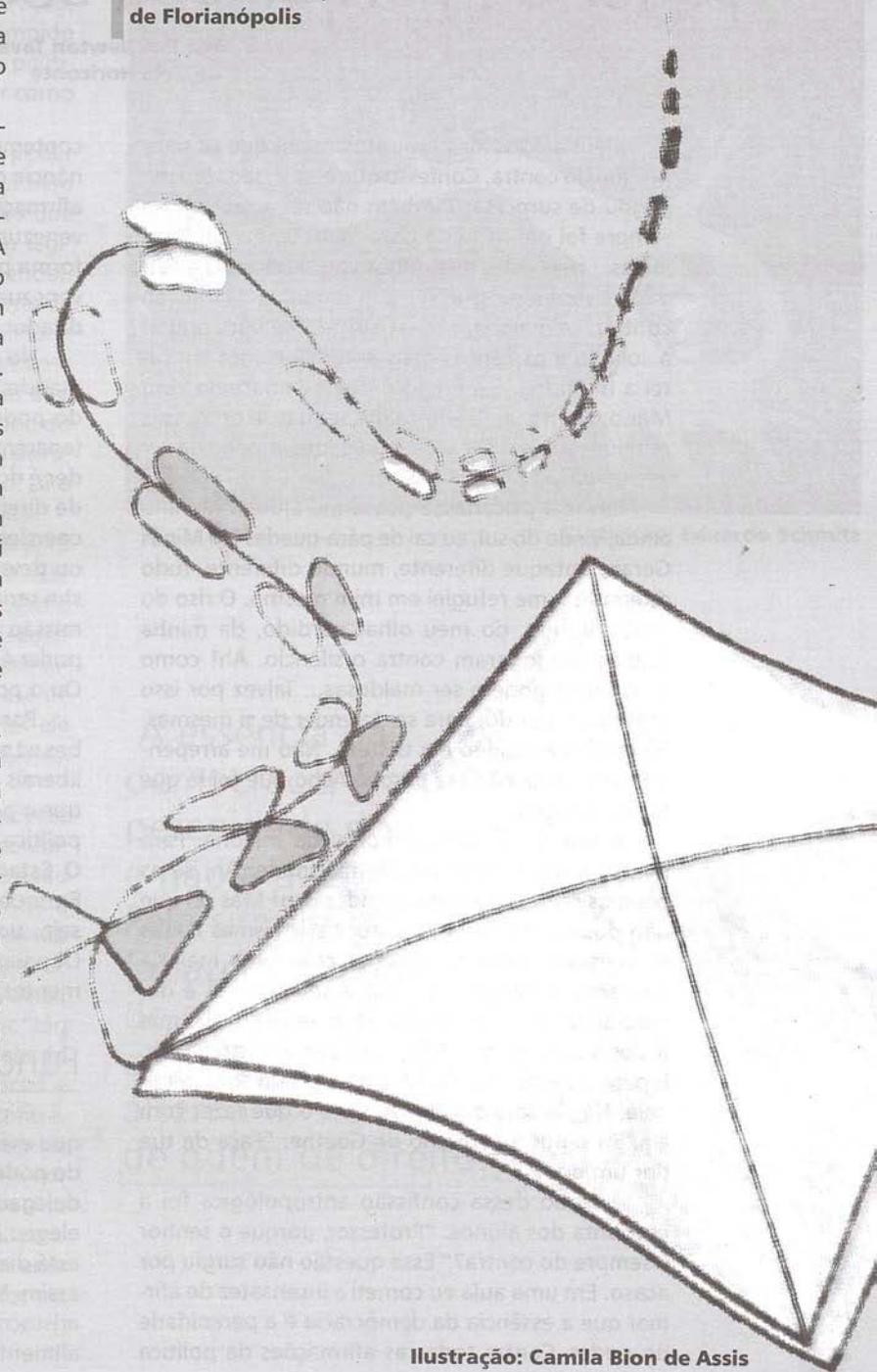


Ilustração: Camila Bion de Assis

Na democracia não há alternância de poder ou porque sou sempre do contra?

Por Por Newton Tavares,
de Belo Horizonte

Meus alunos me perguntaram por que eu sempre sou do contra. Confesso que essa indagação me pegou de surpresa. Também não sei a razão. Isso sempre foi um mistério para mim. Tenho palpites, idéias... mas acho que nunca vou saber com exatidão. A verdade é que sempre caminhei na direção contrária à maioria, razão pela qual sempre preferi a solidão e os cantos mais escuros. Nunca suportei a multidão. Sentimento que compartilho com Mário Quintana: "Sempre me senti isolado nessas reuniões sociais. O excesso de gente impede de ver as pessoas..."

Talvez a psicanálise possa me ajudar. Menino ainda, vindo do sul, eu caí de pára-quadras em Minas Gerais. Sotaque diferente, mundo diferente, tudo diferente... me refugiei em mim mesmo. O riso do meu sotaque, do meu olhar perdido, da minha solidão me jogaram contra o silêncio. Ah! como as crianças podem ser maldosas... Talvez por isso prefiram o bando, para se defender de si mesmas. Eu escolhi a solidão e a tristeza. Não me arrependo. Ostra feliz não faz pérola. Acho que foi lá que tudo começou.

A solidão é inimiga mortal da maioria. Para mim é fonte inesgotável de felicidade. Ah, se as pessoas pudessem compreender isso! Mas sei que não podem. Para compreender as mesmas coisas é necessário amar as mesmas coisas e a maioria não ama a solidão. Por isso a solidão não é democrática. Para ser democrática seria preciso que todos a quisessem... Não, a solidão é aristocrática. É para poucos. A solidão é para quem foi jogado nela. Não é uma opção. Opção é o que fazer com ela. Eu segui o conselho de Goethe: "Faça da tua dor um poema".

A razão dessa confissão antropológica foi a pergunta dos alunos: "Professor, porque o senhor é sempre do contra?" Essa questão não surgiu por acaso. Em uma aula eu cometi a insensatez de afirmar que a essência da democracia é a perenidade do poder. Contra todas as afirmações da política

contemporânea, neguei peremptoriamente a alternância do poder no regime democrático. E fiz essa afirmação no exato momento em que o presidente venezuelano Hugo Chávez tentava passar uma reforma para se eternizar na coordenação do poder venezuelano. As reações foram óbvias: autoritário, ditador etc...

No entanto, apesar dos ataques, continuo afirmando: a essência da democracia é a perenidade do poder e não a alternância. Pela simples razão (aparentemente óbvia) de que na democracia o poder é do povo e alterná-lo significa tirá-lo de quem de direito. Na democracia verdadeira aqueles que coordenam o poder sabem que não o têm. Sabem, ou deveriam saber, que o poder não se toma, isso sim seria antidemocrático, o que se faz é pedir permissão ao povo para representá-lo. E isso porque o poder é uma faculdade do povo, que o tem ou não. Ou o povo exerce o poder ou se debilita.

Por isso, contra tudo o que foi dito desde Hobbes e Locke, passando por Weber e essas definições liberais do século XX, afirmo, contra a corrente, que o poder reside exclusivamente na comunidade política. Não está no Estado ou nas Instituições. O Estado não é o soberano. É o que o filósofo Enrique Dussel chama de poder obediencial, ou seja, um poder que só é poder porque obedece. Obedece a quem? A quem o detém verdadeiramente: o povo.

Fundamentos corrompidos

O poder obediencial acontece quando aquele que exerce a função da Instituição, não como sede do poder para os seus interesses, mas como função delegada, obedece a comunidade política que o elegeu. Obediência vem de ab-audire: ouvir o que está diante. Mas isso é óbvio, dirão. Não tão óbvio assim. No fundo, nossas democracias modernas são aristocracias travestidas. Em nome do povo, grupos alimentam suas voracidades econômicas. Quem

“sobe” ao “poder” não governa com o povo (perceba que na democracia verdadeira não se governa para o povo, mas, sim, com o povo), mas para si mesmo e seus pares. Segundo Dussel, a corrupção começa não no ato ilícito praticado pelo político, mas na concepção de política que norteia sua ação, muito antes de sua eleição. O que está corrompido não são os políticos, mas os fundamentos da política. Uma política baseada na noção de poder como controle, administração de coisas.

Na democracia verdadeira o poder é um poder que obedece. Não são os interesses particulares nem os interesses dos grandes grupos econômicos que governam, mas os interesses do povo, único legítimo dono do poder. Por isso é poder obediencial. Por isso o espanto mundial quando o presidente da Bolívia Evo Morales, pela primeira vez na história política ocidental, não foi investido primeiramente no parlamento do seu país. Antes ele foi, no alto da montanha, pedir permissão ao legítimo dono do poder (seu povo) para governar. Lá estava seu povo, o verdadeiro povo boliviano, autóctone, índio. Lá o presidente prometeu ser fiel a ele, obedecendo.

É outro jeito de entender política. É outro jeito de ver o mundo. Às vezes me pergunto se esse “anormal” também não sofreu com a solidão. Acho que sim. Só mesmo um solitário para poder seguir caminho tão contrário à normalidade. Normalidade essa que quer se restituir novamente a base de muita ajuda econômica norte-americana. Mas ele resiste. Jurou ser fiel ao povo, obedecendo. Ele vai até o fim.

Essa é a resposta que dou aos meus alunos. Não é que eu seja do contra somente para discordar. Apenas vejo diferente. Em um mundo governado pela lógica do pensamento único, andar contra a corrente é correr o risco de ser internado, chamado de louco ou, pior ainda, acusado de não ser flexível, de não compreender o momento histórico. Afinal, como dita nossa epocalidade, não se deve ser “tão radical”. Ou seja: ou você capitula ou é tachado de anacrônico, execrado da convivência social e intelectual. Mas eu repito: é preciso ser do contra. Quem anda com a multidão vê sempre as mesmas coisas. Quem anda sozinho vê coisas diferentes. Por isso recomendo aos meus alunos o mesmo conselho que recebi de Nietzsche: “Corra, meu amigo, para dentro da tua solidão. Sê como a árvore que ama com seus galhos. Silenciosamente, escutando, ela se pendura sobre o mar”.

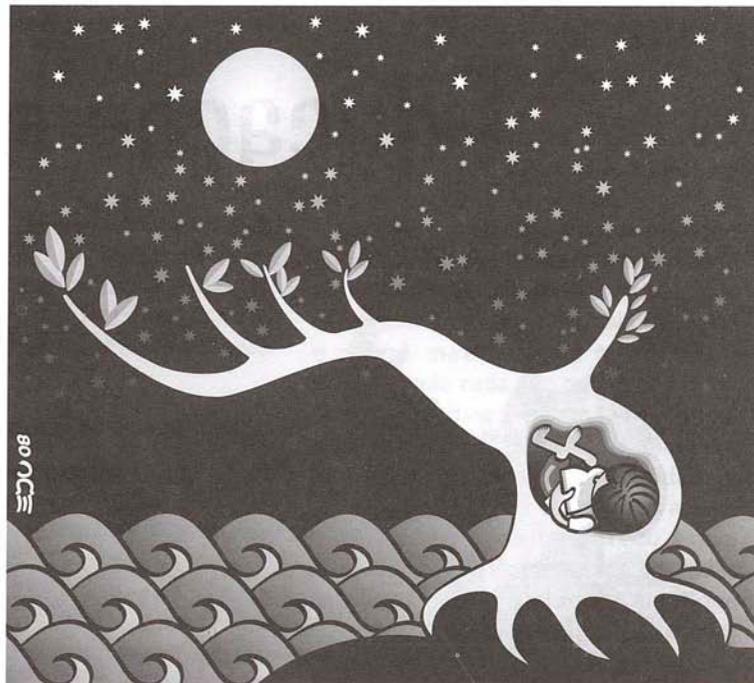


Ilustração: Eduardo Schmitz

A essência da democracia é a perenidade do poder e não a alternância. Pela simples razão (aparentemente óbvia) de que na democracia o poder é do povo e alterná-lo significa tirá-lo de quem de direito.

Educação em pedra viva

Por Míriam Santini de Abreu,
de Florianópolis

Acervo poético

Peteca de penas coloridas; telefone de lata – a lembrar o murmúrio de meninos conversando; caixa de fósforos Argos - caixa miúdo onde eu enterrava formigas saúvas em requintadas cerimônias; raquete de meia; bolas de gude parecendo aprisionar galáxias no vidro fosco. Lousa negra; bancos escolares com encaixe para o tinteiro; livros; fotografias

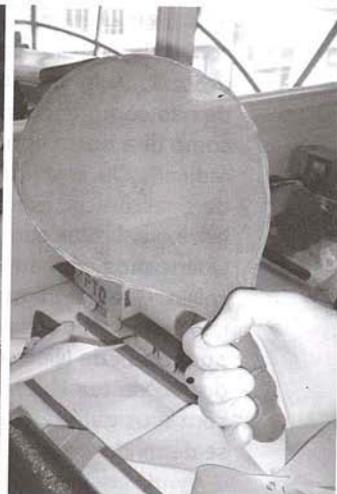
Até julho de 2007 a construção neoclássica, de colunas com capitel coríntio, nos altos da Saldanha Marinho, em Florianópolis, era o “prédio da FAED”, o Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, a UDESC. Agora é o Museu da Escola Catarinense. A espessura da pedra terá a espessura da história.

O edifício é do início dos anos 20 do século passado, quando foi sede da Escola Normal Catharinense. Na entrada dos anos 60 passou a sediar o Instituto de Educação e, em 1963, a Faculdade de Educação – a primeira do Brasil, que deu origem à UDESC. Agora haverá ali um Museu-Fórum, diferente do Museu-Templo, onde a memória é apenas preservada.

O coordenador do Museu, João Nicolau Carvalho, diz que se planeja mostrar ali como o catarinense estudava e como poderá estudar: “O Museu é um centro de referência da UDESC para a leitura do mundo a partir da realidade catarinense”. Isso porque os livros de escola em geral interpretam o Brasil a partir de São Paulo e do Rio de Janeiro, sem acolher outras realidades regionais. O objetivo é que o prédio da Saldanha Marinho, construído em cima de uma rocha na antiga rua das Pedreiras, con-



Fotos: Míriam Santini de Abreu





Idéia é transformar corredor de pedra em galeria de arte

tribua para restaurar essa concretude apagada, fazendo da educação o que ela deve ser, um processo vivo e criativo.

Carvalho sobe escadas de madeira e abre pesadas portas para revelar o acervo. A sala com brinquedos doados pelo educador e artista plástico Aldo Nunes sussurra antigas infâncias, em que um carretel de linha e um pião eram disputados em campeonatos de figurinhas. No Museu também há móveis da professora Antonieta de Barros, primeira mulher a participar do processo constituinte em Santa Catarina, onde atuou como parlamentar até 1937. Além dos objetos e mobílias há, no total, 1.600 peças, entre documentos e fotografias, recolhidas no estado ou doadas por particulares.

O projeto prevê também cinema, teatro, café, livreria e loja de CDs do autor catarinense, além de exposições e seminários. Carvalho desce ao subsolo do Museu para mostrar um lugar que planeja transformar em galeria de arte. É um corredor estreito de rocha, ainda com entulhos a serem removidos, que faz a volta no prédio. Claustro de pedra a revelar os mistérios dessas construções antigas.

II

Acervo patético

Num lugar-museu consagrado à educação viva, destinada a fazer o espírito arder, recordo-me da Escola Triste, nome com o qual batizei a escola da Barra do Sambaqui, em Florianópolis, que visitei semanas antes de conhecer o Museu.

A entrada: paredes de tijolos mal-pintados de branco, com uma grade de ferro. Parece uma grande cela. O mofo está em todos os cantos, principalmente onde as crianças fazem as refeições. O pátio para as brincadeiras é minúsculo, coberto de brita, sob encomenda para deixar a pele ralada ao menor tombo. Nas salas de aula – são duas - há aquelas horríveis janelas basculantes, que deixam o mundo lá fora fatiado em retângulos. A escola toda parece uma gambiarra, algo juntado às pressas, sem graça nem beleza.

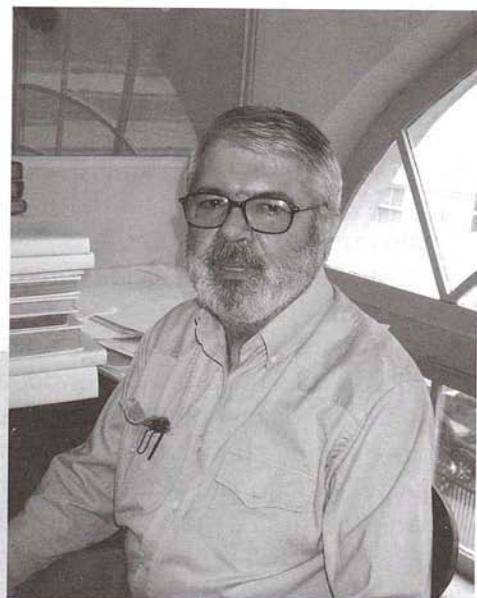
Mas, nessa escola triste, o que há de pior é a biblioteca. As goteiras já

causaram curto-circuito, e por isso não é seguro usar os computadores que seriam utilizados no aprendizado. Os livros – poucos – ficam apinhados em umas poucas estantes, a gritar a inutilidade dos discursos vazios sobre “qualidade de ensino”, “internet na sala de aula” e outras máximas que mascaram a precariedade cada vez maior do ensino público. Bonitas, ali, só aquelas crianças e aquelas professoras que, há quase um ano, esperam a reforma prometida.

O que os meninos e meninas aprendem na Escola Triste, desde cedo, é que, num mundo de ricos e pobres, com suas escolas de ricos e pobres, o lugar que lhes cabe é aquele, sem mistérios nem magias.

Ardem as palavras de Antonieta de Barros:

“Toda ação requer instrumento. E o instrumento máximo da vida é a instrução... E só vive, no sentido humano da palavra, o que pensa. Os outros se movem, tão somente”.



VEJA entrevista com João Nicolau Carvalho na página de *P&N* no You Tube, <http://br.youtube.com/PobresyNojentas>



as delícias de **Su&Li**

A "moreninha"

Guardo boas lembranças de um período curto em que Maria Luiza e seu irmão ficaram hospedados em minha casa. E, como não poderia deixar de ser, entre elas a recordação de uma comida diferente que Maria Luiza, a Maíza, me apresentou sem escapar de minha antecipada expressão de dúvida. Explico: quando ela me falou da mistu-

ra de banana e carne moída, não acreditei que tal combinação pudesse dar certo. Ledo engano.

Ela mesma providenciou os ingredientes e se instalou na cozinha, espalhando por lá, pela sala e pela sacada afora o aroma delicioso da "moreninha", o prato que leva bananas, carne moída refogada e farofa, cuja lembrança até

hoje me provoca água na boca.

Questionanda sobre a origem do prato, ela não pôde precisar. "Eu aprendi com a minha mãe e imagino que ela tenha aprendido com a dela, pois foi com minha avó que ela aprendeu a cozinhar", avaliou Maíza. Hoje, ela e suas irmãs preparam o prato, tradicional na família Cachoeira. E

suas sobrinhas também aprenderam a fazer, dando continuidade à tradição.

Sorte minha ter sido apresentada à "moreninha", e de forma tão carinhosa. Não apenas a delícia do prato, mas também a dedicação de Maíza ficaram na memória. Mais um motivo para apresentar ao leitor esta deliciosa receita.

Moreninha

Prepare a carne moída ensopadinha (tempe-re a gosto, com sal, alho, cebola, um toque de pimenta, cominho, tempero verde...).

Reserve a carne e passe a fritar as bananas em óleo quente, cortadas ao meio. Prefira a banana branca (também conhecida como banana-maçã), não muito madura.

Prepare um pirex do lado do fogão e vá acomodando as bananas no fundo, até ferrar.

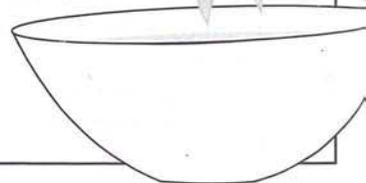
Depois de completar o fundo com as bananas fritas, coloque uma camada da carne moída refogada. Em seguida coloque mais uma camada de bananas fritas e mais uma camada de carne.

Na gordura que sobrou na frigideira, ponha

um pouco de manteiga e jogue a farinha de mandioca (de preferência aquela que já vem torradinha), e faça uma farofa bem molhadinha. Coloque a farofa por cima de tudo, no pirex.

Quando estiver pronto, você pode levar mais uns minutinhos ao forno, só para reaquecer. Outra sugestão é acrescentar uma medida bem pequena de açúcar à farofa, para dar um toque agridoce ao prato.

Sirva acompanhado de arroz e salada verde.



Auto-retrato

Por Ana Cristina Nobre da
Silva, de Piracicaba, SP

Ana é uma mulher que vive só. Vive só e pensa que assim é bom. Isso não é bem verdade, melhor escrever de novo. Ana vive só, vive bem só, mas assim também não é bom. Trabalha e volta pra casa. Trabalha bastante. É feliz com o trabalho. Isso também não é bem verdade. Ana é feliz com o trabalho, mas vive suas crises.

Ana tem amigas, amigas mulheres. Como toda mulher que tem amigas mulheres, acompanha suas estórias, suas dores e seus amores. Mulheres adoram psicologia, terapia em grupo e tudo que possa ser discutido em grupo.

Ana gosta de dançar. Música mexe com o coração, com os quadris, com o sorriso de Ana. Dançando Ana é feliz. Desde pequena o mundo poderia ser para ela um musical.

Ana tem medo. Ana tem muito medo. Como a Ana é do tipo de ter medo. Tem medo da violência, tem medo do trânsito, tem medo de avião. Ana é uma medrosa, mas mentira também seria dizer que Ana não é corajosa. É corajosa porque mesmo com medo enfrenta o mundo e seus desafios.

Ana procura um amor. Já faz tempo que não tem um amor.

Ao mesmo tempo em que duvida do amor, Ana coloca todas as suas fichas na busca de um amor e por isso é tola. Como Ana é tola. Basta um sorriso, um olhar especial e os pensamentos de Ana viajam na mais profunda história de amor. Seus sonhos e seus sentimentos são tão intensos que quando a realidade se mostra para ela a dor vem na mesma propor-

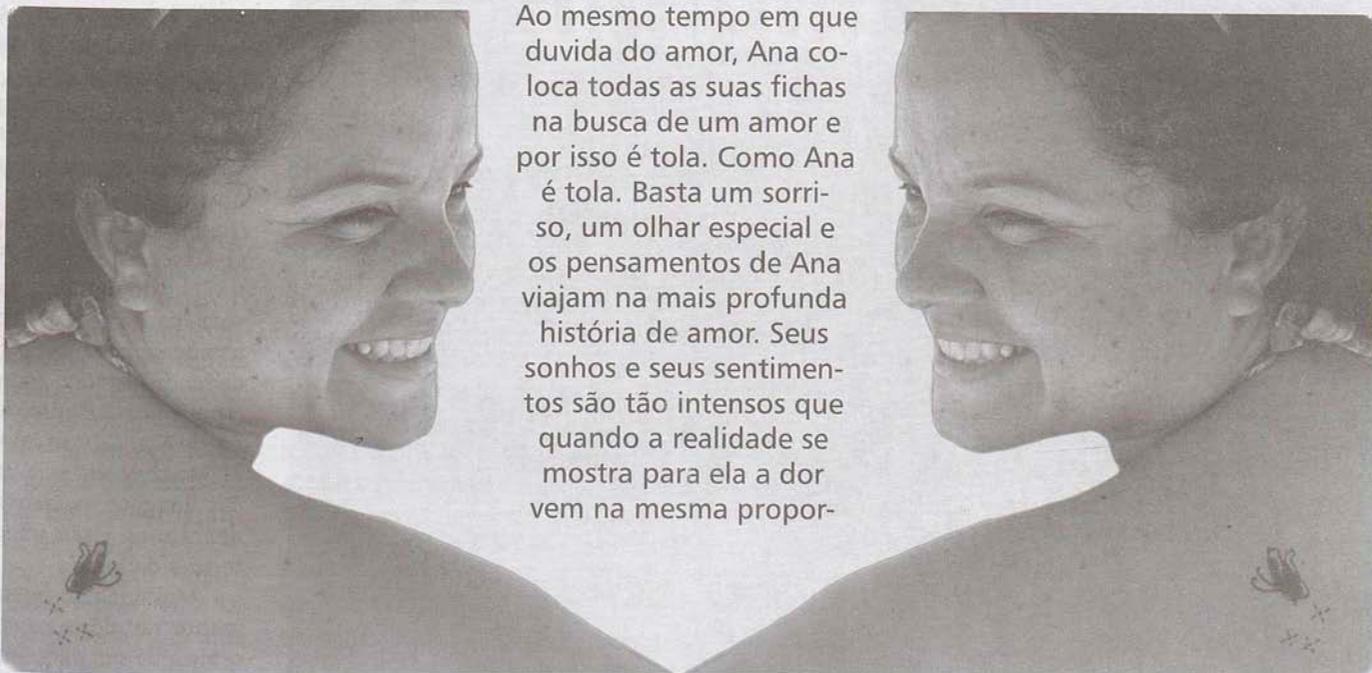
ção. Ana tem chorado amores não vividos, amores sonhados e amores não correspondidos.

Ana segue buscando.

Na verdade Ana é uma menina, embora mulher Ana é uma grande menina mulher com seus sonhos, seus medos e suas alegrias. Algumas vezes parece estar numa montanha russa emocional. Quis o destino que eu fosse Ana e às vezes me pergunto que aventura é esta que estou vivendo.

Minha experiência sendo Ana é ser assim: intensa, alegre, triste, guerreira, sensível, de paz, de amor e de guerra.

Esta tenho sido eu, Ana.





Desenhador no outono

Por Raquel Moysés,
de Florianópolis

Quase toda tarde ele senta-se em um dos dois bancos verdes, sob dois imponentes pinheiros, que verdejam na área de convivência de gente e de carros de La Nera, um ventoso rione (bairro) de Matera, na velha Lucania (hoje Basilicata), sul da Itália. De manhã, nos dias cálidos de verão, também caminha pelas ruas estreitas de seu rione, um dos mais antigos da cidade.

Patrimônio histórico da humanidade, Matera é meta de viajantes atraídos por seu remoto núcleo primitivo, que remonta a tempos pré-históricos. No passado, o viandante que alcançava a cidade depois de tramontar o sol, via-se diante de “um espelho do céu estrelado”, porque, ao anoitecer, os moradores costumavam acender um lume diante da habitação.

As casas-grutas escavadas e as moradas levantadas em pedra branca, o tufo, é que dão o nome I Sassi (As Pedras), a esse mundo pitoresco, uma das 395 maravilhas do mundo. Por sua semelhança com Jerusalém, tornou-se cenário de filmes de fundo histórico, entre eles o polêmico *A Paixão de Cristo*, de Mel Gibson, que, em 2004, chocou, pela crueza das imagens, os acostumados a uma visão idílica da tortura de Jesus.

Mas nada do fugaz momento de glória cinematográfica de sua pequena Ma-

tera passa pela mente desse quase centenário senhor, quando compra verduras e frutas para o almoço, que ele mesmo prepara. O verdureiro/fruttivendolo estaciona no espaço tornado pátio de convivência e parque das crianças. Os carros chegam carregados de alimentos e as ofertas são anunciadas em dialetos que revelam o paesino de onde chega o mercador. Tudo se passa entre os novos blocos de prédios baixos construídos após a segunda grande guerra, na época da desocupação do Sasso. Foi quando os moradores deixaram suas grutas, que compartilhavam com os bichos, para viver nas novas moradias populares.

Vito Cappuccio se serve dessas primícias da terra mediterrânea para o seu pasto frugal. Apoiado na sua bengala senhoril, ele carrega, pleno de dignidade, 95 anos de uma existência singular que começou no longínquo 1913, na véspera da celebração aos mortos, dia de Ognisanti, 1º de novembro, em San Chirico Raparo, Província de Potenza, também na Itália meridional. No paesino montanhês, que ainda hoje abriga apenas 1303 almas, o menino Vito cresceu, em meio à numerosa família e, desde então, cumpre sua longa caminhada de trabalhador que descobriu, no outono da vida, a arte do traço. As paredes de todos os cômodos de sua casa são cobertas por quadros que nascem de sua inspiração pictórica. Dos nove irmãos, hoje é único sobrevivente. Os demais já fizeram “il grande

viaggio” (a grande viagem) e, na sua crença de homem de fé, “estão todos no paraíso”.

Alto e esguio, com seu bigode e alvos cabelos de nonno, Vito conserva uma vitalidade comovente quando fita o mundo com olhos de profundo azul marinho. Só veio viver em Matera já casado com Teresa e com os seis filhos nascidos. Depois de conseguir a licença municipal, por anos a fio vendeu frutas e verduras fresquinhas na sua banca de feirante, no mercado do centro.

Foi só aos 75 anos, depois da aposentadoria, que o viver de Vito passou a estar intimamente ligado ao traço e às cores.

Sempre coberto por suas vestes escuras, descreve com simplicidade sua rotina desde que ficou sozinho. Os fazeres de cada dia mudam de acordo com as estações do ano. Quando o verão cintila sobre sua Lucania, depois de repousar o corpo “de tão longo andar”, Vito desce as escadas do terceiro piso de seu prédio.

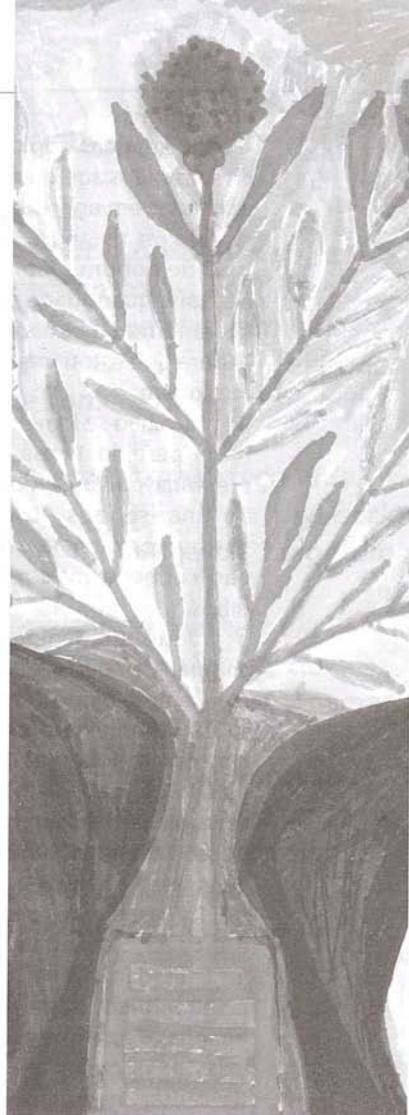
Aproveita o fresco da tarde para trocar palavras com os vizinhos de uma vida, que aos poucos vão sendo

levados pelo mistério do aldiá. Como Antonia, que há décadas transcorria seus dias atrás de uma janela, e já não mais observa as cenas do cotidiano.

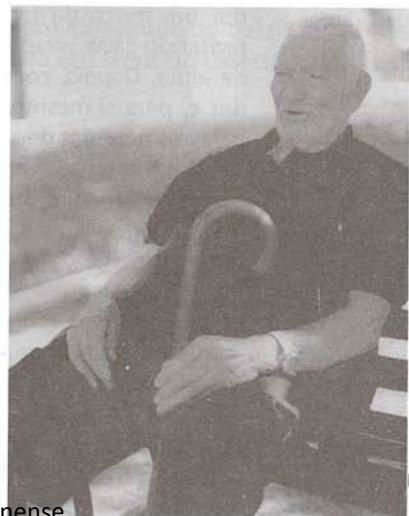
“Quando se morre, morre o rico e o pobre. Não se leva nada dessa vida com a gente...”

Foi só aos 75 anos, depois da aposentadoria, que o viver de Vito passou a estar intimamente ligado ao traço e às cores. Descobriu o gosto pela pintura, pelos desenhos, que abarrotam todos os cantos de sua casa agora vazia de seus caros. Seus olhares sobre a existência, transmutados em imagens, falam da vida de todo dia. “Quando está fresquinho, fico em casa e faço uma bela pintura. Não é nada copiado, só imaginação. Como me vem o pensamento, assim faço o quadro.”

Suas paredes são tomadas por coloradas igrejinhas, flores enigmáticas, árvores bizarras, madonas suaves, santos de sua devoção. Sua pintura tem algo de Art Naïf, simples, ingênua, espontânea, autêntica, como essa arte criada por artistas sem escola ou moldes acadêmicos. Uma das fontes de inspiração parece estar na iconografia popular, nas folhinhas suburbanas, nas sagradas imagens. Muito do que Vito cria está emoldurado e ele oferece generosamente suas criaturas para algum raro visitante que sobe as escadas. Surpreendente, com seu bastão, é ele que lhe abre o caminho, com a destreza de quem, nos anos, habituou seus passos



Fotos: Raquel Moysés



aos degraus.

As imagens copiosas que vertem de suas mãos ágeis também vão sendo impressas em agendas comerciais que já viraram os anos. Vito parece ser tomado por um sentimento de urgência, tal a quantidade de cenas que vai desenhando nesses anos outonais. "Agora que estou mais velho, as coisas me fogem..."

Mas não se lamenta da solidão. Já havia perdido Teresa em vida. Atormentada por uma doença da mente, ao finar-se, aos 80 anos, a mulher passava os dias na cadeira de rodas, não conhecia mais o marido nem os filhos.

"Jesus está sempre comigo, me faz companhia... Jesus, quando você o chama, sempre o encontra por perto".

Também, para espantar o silêncio, canta. E como! Mas sempre no dialeto de sua terra natia. Vito nunca estudou, isso era apenas para os ricos. "Nós éramos pobrezinhos, estávamos distantes, vivíamos a 16 km da cidade. Não sabíamos sequer que existia a escola." Ser iletrado, porém, não o impediu de também contar em versos o seu mundo. Nas folhas das mesmas agendas de anos vencidos, imprimiu as veias dos poemas nascidos do desejo de cantar memórias e devaneios. No início, tudo era registrado nas páginas por um moço da família, a quem ia recitando cada verso que lhe irrompia da alma. Depois, comprou um gravador e, para si mesmo, pronunciava as palavras nascidas de seu ver-sejar. Uma rádio de Potenza, capital da Lucania, chegou a transmitir sua poesia, da qual mansamente evolva-se o aroma de um tempo que foi.

A conversa escorre vagarosa, sob os pinheiros que sombreiam o lugar, enquanto a tarde goteja modorrenta. Do alto de La Nera, avistam-se as ondulações derramadas de luz do Materano colinoso. Um menino aprende a pedalar o triciclo e Vito se recorda de quando, pela primeira vez, andou de

bicicleta, e, ao chegar à Igreja de Santo Antonio, não soube fazer a curva para voltar.

Companhia e cuidados com o nonnino

Um moço e uma senhora aproximam-se. Procuram uma cuidadora para os pais do rapaz, que já não conseguem transcorrer um viver autônomo. Conversam com Mia, que cuida, na casa em frente, de nonna Immacolata, adoecida pela moléstia que leva a memória, o mal de Alzheimer. A romena, que ganhou a confiança dos vizinhos, logo faz uma rodada de telefonemas, procurando alguma sua conterrânea em busca de trabalho seguro. A mesma Itália, que expulsa africanos e outros estrangeiros, acolhe em suas casas um sem fim de eslavos que cuidam de seus velhos enfermos e solitários.

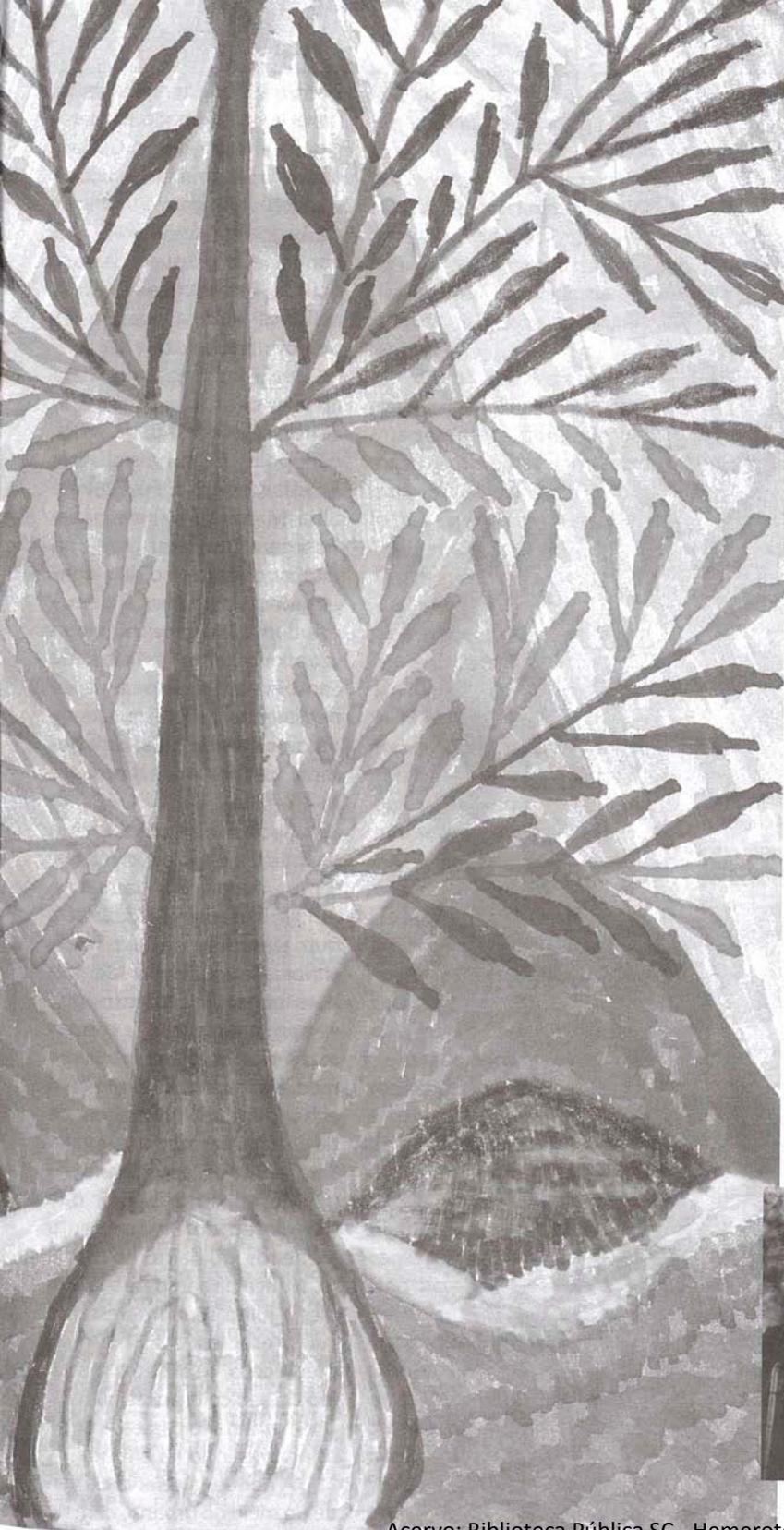
Na "sala de estar" sob o frescor verde, chega também uma das netas de Vito, uma mocinha toda vestida de rosa; com a barriga de fora, como as meninas de sua idade. Todo dia vem alguém da família fazer um pouco de companhia ao nonnino. O filho que mora na Suíça há anos, onde foi trabalhar, chega só no verão.

Nessa tarde estival, cheia de humanas presenças e alaridos infantis, Vito toma parte das conversas que se entrecruzam. Um menino, vindo de além-mar para encontrar os familiares, aproxima-se para ouvir suas histórias. A mãe do garoto comenta que sempre se sentira órfã dos avós, imigrantes que partiram bem cedo do mundo, sem que ela conhecesse nenhum deles. O velho também sabe que o garoto, nascido em terras de América, perdera há pouco o avô materano. Então, num gesto de doçura ancestral, abriga, mãe e filho, com inefável ternura: - Se querem um nonno, vocês têm esse velho aqui, com a bengala...

Desenha então o ar, com seu bastão, e se lança de novo no encaço da memó-

Arquivo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense





*Vagueamos por montanhas e marinas
E haviam secado todas as fontes
Os gatos e cães que erravam pelas
estradas
Morriam de fome e de sede...*

*Já se vão seis meses que faço vida de
soldado
E finalmente me chega de longe uma
cartinha
Decerto deve ser da minha bela
Que deixei em casa enferma, de
cama...*

*Carregador, que levas esse morto
Por favor, pára um pouco de andar...
Quando estavas viva jamais te beijei
Mas agora que estás morta
Um milhão de beijos quero te dar*

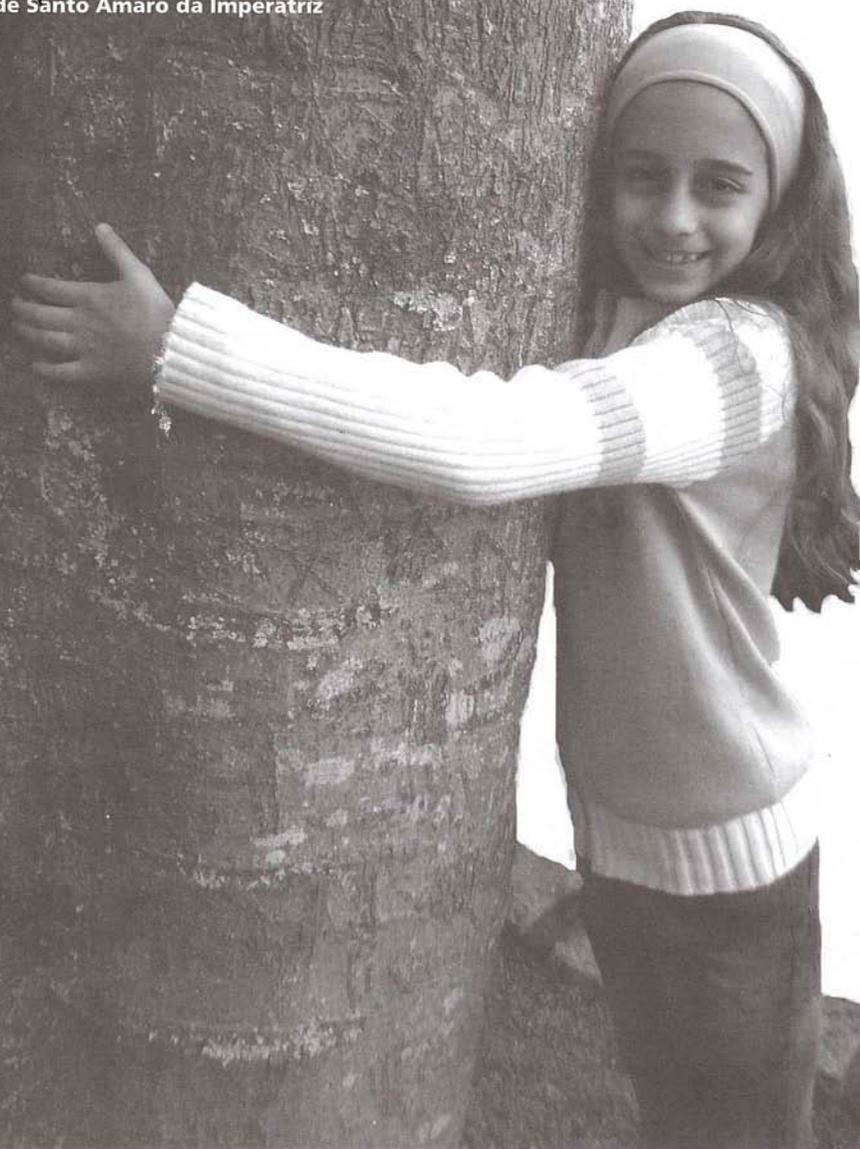
*Luna, lunella
Sei bianca e sei bella
Alta sulla terra e lontana dalle stelle...*

(Fragmentos de poemas recitados pelo poeta-pintor, no improviso, enquanto bafeja uma brisa quente vinda dos lados do deserto africano...)



Simple: a beleza do que é

Por Janice Miranda,
de Santo Amaro da Imperatriz



Uma linda menininha de nove anos chamada Mahara, o gato Melado, o galo Galileu, o coelho Branquinho, um jogo de futebol na grama verdinha da Lagoa da Conceição, um banho de sol daqueles de fazer dormir. Personagens de uma deliciosa história que me fez descobrir a beleza e o valor do que é simples. Essa fábula aconteceu numa sexta-feira, 25 de julho de 2008, em Florianópolis. Folga no trabalho. Acordamos cedo. Eu e minha filha Mahara levamos papai George a um curso na Capital. Era o finalzinho das férias de julho da minha pequena estudante. No caminho, entre uma montanha e outra de Santo Amaro da Imperatriz, eu pensava no que fazer. Queria ter o que ela costuma carinhosamente chamar de momento mãe e filha.

Após deixar o nosso trabalhador em seu destino, fomos tomar café da manhã numa Padaria, a Vó Santa, numa esquina da Rua Felipe Neves. Aquele cheiro de pão novinho no ar, os causos que sempre aparecem nas conversas. Coisa boa. Pedimos uma média, pãezinhos de queijo e achocolatado. Precisávamos de energia para o dia que viria. Sem muitos planos, paramos no Museu do Presépio, que fica dentro do Bosque Pedro Medeiros, no bairro do Estreito. Nunca havíamos ido lá. Em pleno julho seria interessante ver presépios. Às 8h30min, preguiçoso, o sol não tinha saído do seu colchão de nuvens. Um arzinho frio passeava entre as árvores logo na entrada.

A pequena reserva de verde no meio do urbano, bem no

número 1.070 da Rua Afonso Pena, estava muito silenciosa. No dequezinho de madeira, lá foi minha filha à frente, com ares de exploradora. Sensível às coisas da Mãe Natureza e da fantasia, Mahara entrou naquele pequeno mundo. Enveredamos pela Trilha do Museu. Uma casinha açoriana abriga presépios de muitas nacionalidades e materiais. Madeira, argila, caixas de fósforo, cristal, palha.

Logo à frente do Museu surge um coelho enorme e de pelo inteiramente branco. Sem cerimônia, Mahara entabulou uma boa prosa com o animalzinho, batizado de imediato: Branquinho. Mas o coelhinho serelepe não queria saber de conversa e enfiou-se no bambuzal ao lado da trilha que tem o mesmo nome. Descemos pela Trilha do Guarapuvu, atentas a todos os sons e cores. Os raios de sol começavam a emaranhar-se naquela paisagem. Encontramos um imenso Guarapuvu, árvore nativa. O abraço foi inevitável. Tãmanha força e majestade, revestida da casca da humildade. Quanto ainda temos que aprender! Subimos a Trilha do Café.

O galo nos leva ao parquinho

Lá pelas tantas aparece imponente, um galo, nanico, com coloridas penas e uma crista daquelas. Virou Galileu na hora. E lá se foi a Maharina atrás do galo Galileu, que, arisco, apressava-se em correr pela trilha. A corrida em busca do galinho fujão nos levou ao parquinho do Bosque. “Mãe,

posso brincar?”. E quem seria eu para impedir tanta felicidade. Ah, que sol gostoso nos esperava. Nós também viramos fauna. Eu, um lagarto cheio de preguiça. Mahara, um macaquinho lépido, para quem não havia altura ou distância que a alegria de brincar não pudesse vencer.

Com a sutileza e elegância que só os felinos têm, aproxima-se de nós um lindo gato, gigante. Minha valente exploradora começou a acariciá-lo e disse que ele era doce como mel, melado. Isso, Melado! Chameguinto, o bichano queria mesmo era ser mimado, acarinhado. O sol convidava àqueles banhos de fazer cochilar. Melado sumiu por entre as folhas secas a buscar um cantinho para dormir até cansar. Foi duro decidir ir embora. Mas queríamos compartilhar novos momentos mãe e filha.

A caminho do que eu pensei que já fosse ser a hora do almoço, parei na Escola Modelo Daisy Werner Salles, na Avenida Ivo Silveira, onde cursei da quinta a oitava séries. Junto com um vigilante visitamos toda a escola e eu me senti meu pai, Seu Luzardo, a contar histórias do passado. Sem acreditar, parei em frente à sala onde protagonizei uma situação que Mahara chora de rir quando conto. E ela não cansa: “Mãe, foi aqui mesmo? Não acredito. Ah vai, conta de novo!”. Eu estava na pré-adolescência, época sem meios termos, quando você se acha ou feia ou arrasa-quarteirão. Num daqueles benditos cursos para ser a Garota da Sala, acabei cometendo a besteira de votar em mim mesma,

só pra ver o que ia dar. Impossível ninguém votar em mim, pensei. Afinal, eu sempre era escolhida por vários colegas companheira de trabalho, parceira nas apresentações teatrais. Nada poderia dar errado. O problema é que meu único voto foi o meu. Todo mundo se entreolhava perguntando quem teria votado na Janice. E eu, na maior desfaçatez, balançava a cabeça fingindo ignorar quem seria meu eleitor. Hoje dou risada, mas no dia foi constrangedor.

Confidências à beira mar

Movida à alegria, como diz minha mãe, a Vó Jacy, Mahara ainda sem fome, tinha energia para mais. Paramos na praia de Itaguaçu, onde há um pequeno parque. Achamos uma bolinha. Jogamos vôlei e futebol. Além do balanço e da gangorra, a minha menininha queria fazer o jogo da verdade. Cada uma teria de responder com toda a sinceridade do coração a pergunta feita. Ela me disse que iria aproveitar a brincadeira pra dizer coisas de que tinha vergonha. Fomos confidentes. Só o mar ouviu nossos dizeres.

A tarde anunciava que aquele dia seria todo ele bonito, com sol e nuvens incomparáveis. Saímos do Continente e fomos até a Lagoa da Conceição, Leste da Ilha de Santa Catarina, onde pretendíamos andar de pedalinho, para dar risadas. Pena, não havia nenhum. Caminhamos à beira da Lagoa, nos pequenos trapiches. O vento começava a ganhar intensidade. A

bolinha, aquela encontrada no parquinho de Itaguaçu, chamou para uma peladinha em dupla. Ouvimos palmas. Quatro crianças formaram uma torcida organizada, sem organizar. O esquete ganhou reforço. Ali na grama verdinha da Lagoa rolou uma pelada de primeira. Menino, menina, direito a escanteio e muita bola na rede feita de vento. Mahara deixou a Lagoa feliz com os 10 a 3 no time adversário.

O relógio permitia mais uma aventura. Fomos até a Cidade das Abelhas, próximo a SC-401 em direção ao Norte da Ilha. Recebemos informações e folhetos. Mas a grande aventura mesmo seria chegar próximo delas, das abelhas. Ventava demais e o som do ar por entre as árvores assustava. E as abelhas, gostaríamos de ver seu espaço invadido por duas intrusas? Ainda mais no final do expediente! Numa colméia de exposição, vimos pelo vidro o trabalho incessante das operárias. Não conseguimos ver a rainha, talvez escondida, protegida pelo séquito. Homens que trabalhavam na Cidade apressaram-se em dizer que não precisávamos ter medo, que o frio as mantinha quietas. Não convenceu. Saímos correndo e rindo muito. Final de tarde. Hora de ir pegar o papai no curso.

Quanta coisa para fazer e sentir nessa Floripa, tão distanciada da ganância capitalista que se vende em peças publicitárias, longe da mesmice premeditada dos shoppings, com suas promoções e pacotes “imperdíveis” de férias. Maharina, o bom é saber que isso tudo pode se repetir. Quando a gente quiser.

100

milhões de toneladas de plástico são produzidas anualmente no mundo, e 10% deste total acabam nos oceanos.

Para se decompor, nos lixões e aterros sanitários, as fraldas descartáveis levam

450

anos.

O contrabando de remédios adquiridos por brasileiros no Paraguai aumentou

70%

no período de um ano, de acordo com estatísticas da Polícia Rodoviária Federal. Preços mais baixos são atrativos, mas a falsificação e a automedicação representam perigos iminentes.

53%

das pessoas formadas em nível superior no Brasil são mulheres.

De acordo com estudo do Ibope NetRatings, havia no Brasil

41,565

milhões de internautas no fim do primeiro trimestre deste ano.

A América Latina e o Caribe possuem cerca de

5,7

milhões de crianças, entre 5 a 14 anos, trabalhando, de acordo com estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A 3ª Pesquisa Nacional de Demografia em Saúde (PNDS) aponta que 10% das mulheres brasileiras – cerca de

10 milhões

– têm dificuldades de cuidar de si e de seus filhos e até mesmo ter acesso às políticas públicas de saúde, devido à falta de escolaridade básica. São pessoas que não conseguem ler nem sequer uma cartilha educativa ou, muitas vezes, não entendem o que o médico do posto de saúde está tentando explicar.

Cientistas querem usar dejetos do gado para gerar eletricidade nos EUA. A tecnologia já é usada no Brasil, em pequeníssima escala, em comunidades rurais mais isoladas. Nos EUA, o cocô de vaca deverá cobrir o consumo energético do país na escala de

3%

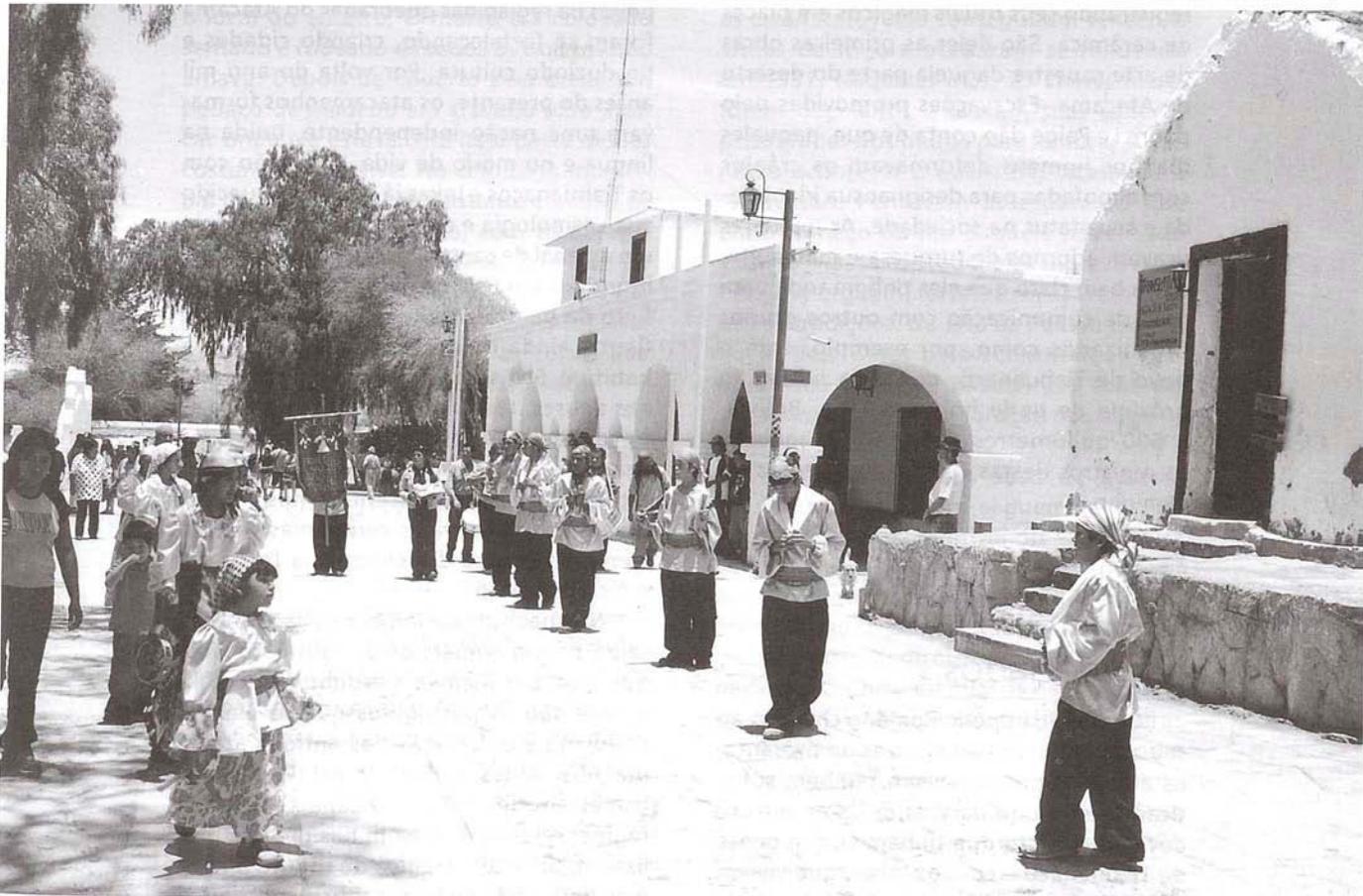


Foto: Marcela Cornelli

Cultura florescida nas quebradas

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis

Quando a civilização egípcia florescia no vale do Nilo, há mais de cinco mil anos, nas terras de Abya Yala também existiam povos organizados, com língua própria, deuses e rituais. Eram os homens e mulheres de Tambillo, um grupo de caçadores que vivia na região onde ficam hoje as quebradas (oásis) do deserto de Atacama. Tal e qual este grupo, muito outros já começavam a fincar raízes, buscando fugir das altas temperaturas invernais que chegavam a 20 graus abaixo de zero. Segundo registros do museu criado pelo padre Gustave

Le Paige, em San Pedro de Atacama, Chile, estes caçadores, já naquela época, tinham domesticado animais como a llama e a vicuña, e viviam em comunidade.

Dois mil anos depois, quando lá no oriente os gregos iniciaram a formular filosofias, na mesma região do deserto chileno vicejaram as gentes de Tulo. Eles eram sedentários, formavam povoações, construíam casas circulares, conheciam os segredos para uma arquitetura no deserto, cultivavam a quínoa (espécie de cereal) e rendiam homenagens aos deuses

registrando seus rituais mágicos em placas de cerâmica. São deles as primeiras obras de arte rupestre daquela parte do deserto de Atacama. Escavações promovidas pelo padre Le Paige dão conta de que, naqueles dias, os homens deformavam os crânios com almofadas para designar sua identidade e seu status na sociedade. As mulheres usavam adornos de turquesa e malaquita, e fica bem claro que eles tinham toda uma rede de comunicação com outros grupos organizados como, por exemplo, com o povo de Tiahuanaco, que vivia na região próxima de onde hoje é La Paz, Bolívia, a 600 quilômetros dali. São incontáveis os registros destas viagens nas pedras do caminho.

O sol, as montanhas, os animais eram reverenciados

Quando o império Romano chegava ao seu auge, dois mil anos antes do presente, os atacamenhos já haviam também sofisticado seu modo de vida, e isso muito se deve ao contato que tinham com a gente de Tiahuanaco e com os Inkas, que viviam na região onde hoje é o Peru. Naquele período é registrado um grande desenvolvimento cultural e social. A metalurgia fica mais complexa, surge a cestaria decorada e são elaborados artefatos em osso e cerâmica para o uso ritual de inalação de alucinógenos. Peças belíssimas podem ser apreciadas no museu, que não devem em nada às peças da cultura ocidental. A cerâmica também fica mais sofisticada, toda trabalhada com figuras antropomórficas que representam mensagens mágicas e falam da cosmologia daquele povo. Os jarros usados nas cerimônias religiosas trazem enigmáticos rostos humanos e o povo já se expressa numa língua que tomara conta de toda a região: a kunza.

Durante o período que ficou conhecido no mundo europeu como Idade Média, os

povos da região das quebradas do Atacama foram se fortalecendo, criando cidades e produzindo cultura. Por volta do ano mil antes do presente, os atacamenhos formavam uma nação independente, unida na língua e no modo de vida. A relação com os Tiahuanacos e Inkas já havia enriquecido sua cosmologia e eles contavam com todo um arsenal de cantos, danças rituais, textos litúrgicos e música. O uso do instrumento feito de bambu, a quena (uma espécie de flauta, ainda hoje usada), também já era habitual. Seu som primal era um chamado aos deuses, todos praticamente ligados às forças da natureza. O sol, as montanhas, os animais eram reverenciados e muitos são os artefatos que os representam nos rituais. O xamã comandava as cerimônias vestido com uma cabeça de felino, cuja força era muito respeitada.

Na quebrada de Tambores, caminho de saída para o comércio com outros povos, que fica em meio à Cordilheira do Sal, muitos são os petroglifos que revelam o cotidiano e as crenças dos antigos atacamenhos. Antes de saírem pela trilha das llamas em direção a Tiahuanaco e outras regiões, eles desenhavam nas pedras, realizando um ritual mágico de tributo à terra e de despedida do Licancabur, a montanha sagrada que se impõe sobre a paisagem. Contam os mais velhos que, quando os viajantes perdiam o contato visual com a montanha, era preciso fazer muitos rituais, pois significava que a partir dali estariam sozinhos, sem a sua proteção.

Várias múmias - de gente destes tempos antigos - foram encontradas na região, em excelente estado de conservação e algumas delas podem ser vistas no museu, em toda a sua plenitude. É impressionante a múmia de uma mulher na qual ainda pode-se observar a pele. Bem no meio do museu - que fica em San Pedro de Atacama - logo à entrada pode-se ver como eram sepultados os mortos. Eles eram vestidos com suas melhores roupas e tinham o corpo amarrado com pedaços de pano. Há registros de que a comunidade os levava em procissão até

o local do enterro. O morto era colocado sentado e rodeado de todos os objetos que amava. Depois de coberto pela areia, um pedaço de madeira era cravado para indicar onde ele estava. Até hoje parte desses costumes sobrevive. No cemitério municipal de San Pedro, são bastante comuns os túmulos feitos de adobe, com os objetos do morto enfeitando a lápide. Tal e qual no Egito, eles acreditavam que, na outra vida, o morto precisaria sentir-se confortável e seguro tendo à sua volta as coisas que amava e precisava no seu cotidiano.

No Vale da Lua, o grito de um povo

Como o povo Likan Antay (que significa atacamenho, na língua kunza) comerciava com os inkas e, nos idos dos 1500 até pagava tributo a eles, tão logo os espanhóis ocuparam aquela parte do Tahuantinsuyo, eles ficaram sabendo que havia um povo estranho destruindo tudo e se prepararam para resistir. Um dos lugares onde fincaram a resistência foi em Pukará Quitur (fortaleza do alto). Este lugar é uma fabulosa fortaleza construída no século 11 da era cristã, para a defesa daquela região. É que naqueles dias também havia muitas lutas pelo poder envolvendo os povos mais distantes. O lugar oferece uma visão fantástica de toda a quebrada. Um dos lados é totalmente inexpugnável e o outro tem um campo de visão imenso, ficando muito fácil perceber qualquer aproximação.

Quando em 1536 os espanhóis Diego Dalmagro Valdívía e Francisco Aguirre realizaram expedições de conquista por aquelas terras, foi ali que os atacamenhos resistiram por mais de 20 anos. Assustados, eles viram chegar o povo Yanaconas - que era inimigo dos inkas e auxiliou os espanhóis na conquista - com uma gente feita de ferro, montada em estranhos animais. Eram os espanhóis vestidos de armadura, cavalgando seus corcéis. Apesar da resistência,

os Likan Antay não conseguiram vencer as armas de fogo e acabaram se rendendo em 1557. Naqueles dias, 25 chefes locais foram degolados e tiveram suas cabeças penduradas nos muros para lembrar o que podia acontecer a quem não aceitasse a submissão. Pensavam os espanhóis que era o começo do fim daquele povo. Ledo engano. Apesar de tudo, eles sobreviveram e hoje se erguem, fortes, e recuperam suas velhas tradições. Do alto de Pukará Quitur, quem tiver olhos para ver consegue perceber que a cultura Likan Antay caminha segura na mente e no coração dos homens e mulheres da quebrada.

Nos caminhos dos oásis do deserto de Atacama as gentes seguem rendendo pago aos deuses, cultivando sua cultura solidária, agindo firmemente para mostrar ao mundo que os Likan Antay existem como etnia e lutando para ter suas reivindicações reconhecidas dentro de um estado plurinacional. O Chile, tal qual os demais países da América Latina, está vendo as culturas originárias, como a dos atacamenhos e dos mapuches, mais ao sul, recuperando sua dignidade e, sem medo, dizendo a sua palavra. Quinhentos anos de ocupação não lograram apagar a cultura de um povo de pródiga beleza. E é por isso que quando chega o pôr-do-sol, lá no Vale da Lua, se ouve a voz antiga, em língua kunza, a sussurrar: aqui vive o povo Likan Antay!



Múmia atacamenha no Museo Arqueológico Gustavo Le Paige

Soberania Comunicacional, conceito e prática em discussão

Da Redação
em Florianópolis

Nos dias 5 e 6 de setembro, para comemorar o primeiro aniversário do *Portal Desacato*, cuja base de operação se localiza em Florianópolis, o citado Portal e a Revista *Pobres & Nojentas* irão realizar um Encontro no Plenarinho da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, na Capital do Estado, que será aberto para a participação do público em geral. No centro dos debates haverá uma discussão sobre Soberania Comunicacional que dará subsídios para a Construção da "Carta de Florianópolis sobre Soberania Comunicacional e Libertária". A Carta será elaborada em plenário com a participação de todos/as os/ presentes ao Encontro.

A discussão visa instalar o debate sobre o assunto e dar um passo adiante no debate sobre a democratização dos meios de comunicação e informação, diz um dos proponentes do Encontro, o jornalista e co-diretor do *Portal Desacato*, Raul Fitipaldi: "Há duas versões da história, do fato noticioso, da comunicação formal: existe a do soberano ganhador e a do dominado perdedor. A primeira tem uma grande amplificação, a segunda está usurpada pelo vencedor". Ele avalia que, para entender essa situação e superá-la, há que discutir e trabalhar em outro

patamar distinto da simples reivindicação da Democratização da Informação: "Não estamos nos referindo apenas à Democratização, mas também a ela, ou seja, entendemos a Democratização da Comunicação como ingrediente decisivo da Soberania Comunicacional, mas não como o todo. Há outros elementos subjetivos e objetivos que permeiam o complexo da Soberania Comunicacional".

É um momento no qual o ceticismo sobre a conduta dos meios de comunicação e dos próprios jornalistas está no tapete, avalia a editora de *Pobres & Nojentas*, Elaine Tavares: "Para além da prática do chamado jornalismo liberal (o que pretensamente mostra os dois lados), há toda uma tradição de ocultamento e meias verdades que forjam a usina ideológica da elite e da classe média brasileira. A televisão, com a *Globo* à frente, é uma fábrica de mentiras, na qual os pobres só aparecem como bandidos e os lutadores sociais como baderneiros 'terroristas'".

Elaine também julga o papel do jornalista e afirma: "Arrisco um palpite. Denunciar esta trama é reconhecer nosso próprio fracasso. Fracasso como jornalistas, incapazes de lutar

razão empresarial, praticando auto-censura, vilipendiando a prática do jornalismo, transformando nosso fazer em propaganda de um mundo falido".

Os leitores/as de *Pobres & Nojentas* estão convidado/as a participar desse importante momento de discussão onde todos/as estamos envolvidos/as. A Soberania Comunicacional é um direito a ser conquistado, tão importante como a Soberania Alimentar ou a Territorial. O direito de saber a verdade e manifestá-la é decisivo para construir uma Sociedade Livre, Justa, Igualitária e Independente, no concerto das nações e da plenitude da vida humana. O encontro também debaterá as relações entre as Instituições de Dominação e os Movimentos Sociais e terá um momento especial com a entrega do prêmio Volódia Teitelboim, na sua primeira versão, a jornalistas e colaboradores do Portal no Brasil e no exterior.

O convite está feito. Participe e divulgue esse novo esforço na luta por uma sociedade livre de exclusões. *Portal Desacato* e *Pobres & Nojentas* esperam você e seus amigos para avançarmos juntos!

Informes sobre o Encontro nos endereços eletrônicos: www.desacato.info e <http://pobresnojentas.blogspot.com>

O arqueiro quântico

O pequeno inseto com asas brancas descerra a porta de aço maciço. O insignificante, o mínimo, o quantum descerram a porta maciça.

Aqui, no Templo de Sat, Eu, o arqueiro quântico, empunho o Arco, a Flecha e recito: tenho o dom de atrair o acontecimento de acasos felizes.

Diz o Buddha:
"Antes que a primeira vela se acendesse, a vela já estava acesa".

Nessa hora sem sombra, ignoro tudo na arte em que sou exímio. Apenas contemplo puramente o alvo.

Algo dispara, algo acerta. Algo: a essência de uma coisa.

O mérito desse tiro, no entanto, não me pertence, pois ao permanecer esquecido de mim mesmo e de toda intenção, no estado de tensão máxima, o disparo foi realizado pelo Algo que, tal qual uma fruta madura, caiu.

Só o que escuto é um zunir que perfura o ar:

Algo dispara a flecha, algo acerta o alvo.

Mas Algo também diz, se afinarmos a escuta:

Algo diz pára de sofrer, diz pára de mentir, diz pára de ter ressentimento, diz pára de baixo-estima e algo acerta o alvo.

O ponto em que a coisa-em-si (o Átman: o indestrutível) entra mais imediatamente no fenômeno é aquele em que a consciência (mente sem pensamentos) ilumina a Vontade.

Mente: consciência com pensamentos.

Sono, sonho, vigília.

A psique (alma), para os gregos, significa: inseto, mulher bonita, sopro.

O pequeno inseto com asas brancas descerra a porta de aço maciço. O insignificante, o mínimo, o quantum descerram a porta maciça. Ou como dizia Paulo Leminsky: "E no interior do mais pequeno abre-se profundo a flor do espaço mais imenso"

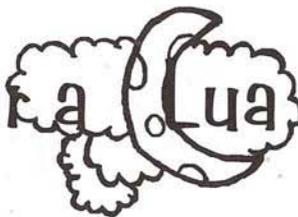
O que é o quantum? A menor medida possível da matéria, que não pode ser subdividida em nada menor. Segundo Stephen Hawking, quantum é "a unidade indivisível em que as ondas podem ser emitidas ou absorvidas".

Por Fernando José Karl,
de São Bento do Sul



Lições para lavar a Lua

Por Miriam Santini de Abreu,
de Florianópolis



Recebi o que seria a cópia de uma fatura que um mestre-de-obras teria apresentado em 1853 pela reparação que fez na Capela do Bom Jesus de Braga, em Portugal. Diz assim, com três correções de ortografia que fiz para adaptar o texto ao português de hoje:

Por corrigir os 10 Mandamentos, embelezar o Sumo Sacerdote e mudar-lhe as fitas, 170 réis

1 galo novo para S. Pedro e pintar-lhe a crista, 95 réis

Dourar e pôr penas novas na asa esquerda do Anjo da Guarda, 90 réis

Lavar o criado do Sumo Sacerdote e pintar-lhe as suíças, 160 réis

Tirar as nódoas ao filho de Tobias, 95 réis

Uns brincos novos para a filha de Abraão, 245 réis

Avivar as chamas do Inferno, pôr um rabo ao Diabo e fazer vários consertos aos condenados, 245 réis

Fazer um menino ao colo de Nossa Senhora, 210 réis

Renovar o Céu, arranjar as estrelas e lavar a lua, 130 réis

Compor o fato e a cabeleira de Herodes, 55 réis

Retocar o Purgatório e pôr-lhe almas novas, 355 réis

Meter uma pedra na funda de David, engrossar a cabeleira ao Saul e alargar as pernas ao Tobias, 95 réis

Adornar a arca de Noé, compor a barriga ao Filho Pródigo e limpar a orelha esquerda de S. Tinoco, 135 réis

Pregar uma estrela que caiu ao pé do coro, 25 réis

Umhas botas novas para S. Miguel e limpar-lhe a espada, 255 réis

Limpar as unhas e pôr os cornos ao Diabo, 185 réis

Total: 2.545 réis

Meti-me a pensar na riqueza do que seriam, em

outro contexto, metáforas, mas que, nesse precioso documento, expressam a concretude do trabalho de um operário. No jornalismo atual as metáforas são malditas. Quando aparecem, soam piegas. Raras provocam deleite. Nada tenho contra as metáforas, mas também me compraz uma escrita mais dura. De todo o modo, estou a teorizar sobre o encanto dessa fatura, que expressa apenas um fazer e consegue colar-se na pele da gente como poucos textos jornalísticos hoje, na sua assepsia de narrativa morta.

Umhas e outras

Por Celso Vicenzi,
de Florianópolis



Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/

SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.

QUE DUREZA! Com a lei seca ninguém mais vai poder molhar a garganta.

MAL-ACOSTUMADOS. Se beber, não dirija. É, essa tá difícil de digerir.

BAFÔMETRO. Tem jeito que bebe tanto que é mais fácil detectar quantos litros de sangue ele tem no álcool.

TROCADILHO. A multa é de R\$ 957,70. Ou seja, por causa de alguns miligramas o cara vai pagar quase mil em grana!

PERGUNTA. E aqueles apaixonados por carro, para quem o volante é uma cachaca, também serão autuados?

POIS É. Álcool e automovel agora só vão se misturar no tanque.

EM PEDAÇOS. Bebida e volante não se misturam, salvo após uma forte batida de um carro a álcool.

LITERALMENTE. Não é novidade: motorista bêbado sempre vai em cana!

LOGO ELA! Há tanta batida de gente sóbria, mas

sobrou justamente pra batida de limão.

SOLUÇÃO. Pra não ser pego na blitz, o negócio é aumentar a dose do santo.

DOSE ALTA. Essa lei ficaria bem melhor com o acréscimo de mais uma dose. Uma dose de bom senso.

FISCALIZAÇÃO. A partir de agora, quem tomar um ferro, tá ferrado.

CORRUPÇÃO. Pra escapar da lei seca vai ter muita gente querendo molhar a mão do guarda.

Despedida

Com um triste olhar me despedi de cada estação.
Tentei empurrar na mochila um pedacinho de cada céu,
de cada porto,
mas os aromas não couberam.
E as lindas paisagens que passaram por mim
também ficaram naquelas ruas estreitas e coloridas.
Minh'alma, indiferente à distância,
divertia-se com os outros idiomas,
alimentava-se daquela fuga,
sem remorsos, nem saudades.
Viajar é viver plenamente.

Por Rosangela Bion de Assis,
de Florianópolis

Ao fundo a Catedral de Toledo, na Espanha



Trevas

*Horrida nostrae mentis purga tenebris,
accende lumen sensibus.
(Dissipa as trevas horríveis de nosso espírito
e acende a luz de nossos sentidos).*

Anônimo

**Sob o linho castiço da chuva,
a treva horrível de nosso espírito
vocifera claros nomes serenos.**

**Atravesso o deserto
com uma pedra no fundo do poço.**

**Tanto azul de águas, mas a pedra,
taciturna monja sem sol,
nada espera, é só uma pedra
envolta em antigo silêncio.**

**Bem no fundo do mar de Abrolhos,
esta pedra, seca por dentro.**

**Tudo se pode falar:
a transparência contínua,
a praia com bicicletas.**

Fernando Karl



**Filósofo responde na
página 8: por que
sou sempre do contra?**

Foto: Raquel Moysés



**Poeta-pintor do
além-mar na página 14**

**Na página 10, quem aí
se lembra
desses brinquedos?**

Foto: Miriam Santini de Abreu

